

ANÁLISE DO DISCURSO
CONSTRUÇÕES
DE MOVIMENTO CAUSADO PRESUMIDO
OLHA AQUI, OLHA ALI, OLHA LÁ

Sandra Bernardo (UERJ / PUC-Rio)
sandrapb@terra.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apresento, nesta comunicação, algumas reflexões sobre construções de movimento causado compostas pelo verbo *olhar+dêiticos aqui, ali, lá*. As considerações tecidas aqui se fundamentam na abordagem sociocognitiva, segundo a qual as formas linguísticas, em conjunto com outros sinais, atuam processo de significação, concretizado nas situações comunicativas experienciadas pelos participantes das interações verbais. Nesse arcabouço, incluo a teoria dos espaços mentais e a gramática de construções, cujos conceitos me permitem descrever aspectos sociais e cognitivos envolvidos no uso da língua em conversa informal.

Em trabalhos anteriores (Bernardo 2005, 2006, 2007), concentrei-me nos casos de *olha só*, postulada como uma construção de movimento causado presumido, empregada em conversa informal com sentido de *prestar atenção*, sobretudo em trechos argumentativos, sinalizando novos (sub)tópicos ou referentes, a fim de atenuar posições contrárias ou avaliações negativas acerca do que está sendo discutido. Foram observados casos prototípicos dessa construção, envolvendo a busca de atenção para objetos presentes na cena discursiva, e usos metafóricos, em que o *objeto apontado* seria a posição defendida por um participante da interação.

Embora tenha encontrado poucas ocorrências das expressões *olha aqui, olha ali* e *olha lá*, tais construções usadas correntemente na modalidade informal do português, com funções e significados que me levaram a considerá-las construções de movimento causado presumido. Assim, pretendo avançar na descrição, buscando as especificidades de cada uma em termos da conceptualização discursiva.

As ocorrências estudadas foram extraídas do *Banco de Dados Interacionais* (BDI), volume organizado por Roncarati (1996), que

reúne transcrições de conversas casuais gravadas em 1989 e 1990. Na próxima seção, apresento a análise das construções em estudo à luz da abordagem que a fundamenta.

CONSTRUÇÕES SINALIZADORAS DE MOVIMENTO CAUSADO PRESUMIDO *OLHAR+DÊITICO* (*AQUI, ALI, LÁ*)

Em razão do papel que desempenham na conversa, assim como ocorre com *olha só*, venho conceituando as expressões compostas pelo verbo *olhar* seguido *aqui, ali, lá* como sinalizadores, termo que remete ao papel das formas linguísticas na conceptualização numa visão sociocognitiva, a saber: guiar a processo de significação em conjunto com outros sinais presentes no contexto de uso da língua. O conceito de sinalizador foi elaborado com base em Clark (1996), para quem os atos comunicativos ocorrem por meio de sinais naturais (ou indícios), quando a língua é utilizada. O autor define tais sinais como “um ato pelo qual os participantes coordenam o próximo passo na atividade em andamento” (p. 132).

A partir dos conceitos de ícone, índice e símbolo (tomados de Pierce), Clark (*op. cit.*) postula três métodos de sinalização usados na comunicação: (i) descrição — falante e ouvinte coordenam a ativação da mesma regra para cada símbolo usado; (ii) indicação — localização de entidades no contexto da atividade; (iii) demonstração — maneira como entidades se apresentam, criando uma representação mental acerca da aparência dos objetos (termo tomado em uma acepção ampla para referir pessoa, lugar, objetos em sentido estrito etc.).

Embora a forma *olha* não figure como elemento dêitico nos estudos de pragmática da língua portuguesa, seu papel na sinalização de referentes, a partir da abertura de um espaço-FOCO, me levou a considerá-la entre as estratégias dêiticas empregadas em conversa. Essa assunção se baseia na concepção de dêixis como uma projeção da metáfora APONTAR PARA (Marmaridou, 2000). Em outras palavras, o ato físico de apontar é projetado num espaço conceptual. Além disso, a dêixis é interpretada como uma noção escalar em cujo extremo poderiam ser encontrados alguns mecanismos anafóricos e discursivos.

ANÁLISE DO DISCURSO

A abordagem experiencialista para a dêixis promove a possibilidade de descrever unificadamente seus aspectos cognitivos e sociais, já que, durante a produção e compreensão do discurso, os participantes envolvidos na interação, conceptualizam, em conjunto, os sentidos produzidos na conversação. Isso pode ser percebido, segundo Clark (1996), por pistas deixadas pelos falantes de uma representação discursiva, composta de duas partes essenciais: (i) uma *representação textual* da linguagem e outros sinais usados durante o discurso; e (ii) uma *representação situacional* da situação sobre a qual se fala. Assim, a representação situacional consiste no que os participantes estão realizando, e a representação textual, nas estratégias comunicativas para desempenhar essas ações.

O uso das construções com verbo *olhar* seguido de *só* e dêiticos *aqui*, *ali*, *lá* seria estruturado pelas metáforas COMPREENDER É VER, IDEIAS SÃO OBJETOS e DISCURSOS SÃO FONTES DE LUZ (Lakoff & Johnson 2002). Subjaz a essa formulação a hipótese de que a mente é corporificada, ou seja, os conceitos resultam das experiências sensoriais vivenciadas no espaço, originariamente; no tempo, como espaço percorrido ou ocupado por um objeto, e no discurso.

As metáforas são mecanismos cognitivos que estruturam parcialmente conceitos experienciados/concebidos pelos seres humanos em todas as suas atividades, porque permitem a compreensão de um domínio por meio de outro, a partir de modelos e processos cognitivos. Logo, é possível estudar o significado pragmático como parte da estrutura cognitiva e não externa a ela, pois o significado social é cognitivamente internalizado.

Foram encontrados casos de *olha aqui* conceituados inicialmente como prototípicos porque envolvem a busca de atenção para algum objeto da cena discursiva, como em (1), abaixo, em que o falante se refere às suas cartas numa conversa entre aposentados durante um jogo.

(1) F1 = 269 estraguei meu jogo.

270 Foi por isso.

271 Então é por isso.

272 *Olha aqui ó.*

273 *Aqui ó.*

274 tem oito pontos (Inint.) ((Vozes ao fundo)) (BDI 12)

Contudo, pode-se perceber, nessa passagem, uma estratégia por parte do falante de contar vantagem sobre os outros participantes do jogo que não teriam adotado a mesma estratégia. Esse papel desempenhado pelo *olha aqui* me levou a cogitar uma classificação limítrofe para essa construção, que sinaliza as cartas do jogo para ressaltar o envaidecimento do falante que busca a atenção dos oponentes.

O emprego do verbo *olhar* nesse tipo de construção preenchida reforça-lhe a função dêitica, sinalizadora, já que se presume o deslocamento do foco de atenção dos participantes da interação para as cartas de F1. O fato de a construção ser reforçada pela forma *ó*, uma espécie de abreviação do verbo *olhar*, seguida pelo enunciado *Aqui ó*, em que o dêitico aparece em primeiro lugar, levou-me a considerar um status construcional para expressão *olha aqui*, na medida em que seu significado poderia ser distinto de *aqui ó* e *ó*. No caso da construção *olha aqui*, pode-se conceber sentido semelhante a *prestar atenção*, atribuído a *olha só*, sendo que o papel participante alvo que integra o enquadre semântico da construção é um objeto presente na cena discursiva. Já as formas *aqui ó* e *ó* reforçariam o objeto em FOCO, como ocorre em outros trechos da conversa, ilustrado em (2).

(2) J = 30 Isso aqui tem água aqui dentro?
S = 31 *Aqui olha* (BDI 2A)

Essa interpretação de que *olha aqui* pode significar *prestar atenção em X* é corroborada por contextos como os de (3) e (4), abaixo, em que as construções foram empregadas para sinalizar as intenções dos participantes da interação e não um referente situacional:

(3) J = 90 *Olha aqui* Neide (Inint)
91 eu vou cortar você também ((Fala rápida)) (BDI 1)
(4) J = 696 *Olha aqui* querida- (BDI 5)

Em (3), a falante afirma que vai interromper fala de Neide, que, em passagem anterior, reclamou de não conseguir falar. Em (4), a falante tenta se expressar, mas não consegue a posse de turno. Nos dois casos, a forma *olha aqui* é empregada para chamar atenção sobre o papel dos referidos participantes da interação, ou seja, falantes ressaltam, ou tentam ressaltar, seu próprio papel no evento em andamento, chamando a atenção para seu discurso e não para um objeto situado no ambiente.

ANÁLISE DO DISCURSO

Essa estratégia dos falantes de referenciar o próprio discurso e seu papel na construção do mesmo, colocando-se como centro dêitico, pode ser encarada como uma projeção metonímica PESSOA PELO ATO. Dessa forma, ao sinalizar não apenas o que quer significar, mas seu papel na interação, o falante projeta-se no seu discurso, tornando-se uma entidade que refere e é referenciada.

Segundo Lakoff & Johnson (2002, p. 93), diferentemente da metáfora, cuja função primordial é a compreensão, a metonímia exerce uma função referencial, porque propicia a representação de uma entidade por outra. Contudo, não é meramente um recurso de referenciação, já que permite o entendimento, ao selecionar aspectos particulares da entidade referenciada.

A metonímia assemelha-se à metáfora, ainda, por não consistir apenas em um recurso retórico ou poético, mas estar presente no modo como se age, pensa e fala no dia a dia. Conceitos metonímicos “estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência”. Em geral, “envolvem associações físicas e causais diretas” (p. 97), apresentando, assim, uma fundamentação mais óbvia que a dos conceitos metafóricos, porém tão sistemáticos quanto estes últimos.

A projeção mais direta do falante do/no discurso produz uma significação menos polida com emprego do *olha aqui* na comparação com *olha só*. Ao empregar este último sinalizador, o participante da interação abre um espaço-FOCO para a conceptualização do discurso, promovendo uma atitude de afastamento em relação à posição defendida, porque busca conciliar divergências. Ao passo que, ao usar *olha aqui*, envolve-se explicitamente, projetando uma contraparte sua no espaço-FOCO aberto pelo sinalizador, numa espécie de atitude de enfrentamento.

O enquadre semântico-pragmático, conceptual, da construção *olha só* envolve a abertura de um espaço-FOCO em que o falante se projeta por meio do discurso, adotando uma atitude de afastamento em relação ao objeto (alvo), para o qual busca a atenção dos participantes da interação. Já no enquadre conceptual de *olha aqui*, o falante projeta-se no mesmo espaço-FOCO do objeto (alvo) sinalizado, numa atitude de envolvimento.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quanto às expressões *olha lá* e *olha ali*, inicialmente as considerei uma construção de movimento causado presumido prototípica, no sentido de que, ao empregá-la, o participante da interação leva seu(s) interlocutor(es) a deslocarem sua atenção para um alvo presente no cenário discursivo. Entre as construções em estudo, são as mais abreviadas: *olha ali* > *ali*; *olha lá* > *alá*. O uso da forma *ali* pode não ser interpretado como abreviação; porém, no caso de *alá*, forma usada corrente na modalidade oral, já se pode vislumbrar um processo de gramaticalização. O relato abaixo sobre a experiência de uma falante de português, recebido por e-mail de uma colega pesquisadora, ilustra esse emprego.

A G. é voluntária para acompanhar casos de adoções internacionais por parte de espanhóis, e está acompanhando um caso. Aí o candidato a pai perguntou a ela o que queria dizer *alá* em Português, que o garoto via falando e ele não entendia. A G. estranhou, disse que *Alá*, em Português, era o nome do deus muçulmano, mas que ela achava que não deveria ser isso. Mais tarde, ela saiu com os dois, e entendeu tudo. A todo o momento, o garoto queria mostrar coisas para o talvez pai e dizia *alá* o carro, *alá* o avião, *alá* sei mais quê.

O trecho (5), apresentado em seguida, consiste em um caso de *olha ali* prototípico, já que o falante C sinaliza a placa do *trailer* onde os preços estão listados, após dúvidas quanto ao preço da batata frita.

(5)I = 295 Quanto que tá a batata frita? /.../
C = 299 Se não me engano.
300 *Olha ali*. ((Tabela de preços))
I = 301 *Olha ali*.
302 É muito mais fácil. (BDI 4)

Todavia, no excerto (6), abaixo, em que o falante ressalta a espessura da coxa de uma das participantes que ofereceu colo ao colega sem travesseiro, vislumbro um emprego limítrofe para *olha lá*.

(6) G = 308 Um coxão.
309 *Olha lá*.
310 *Nossa mãe*
311 ó.
312 Ih
313 aproveita. (BDI 3)

Essa conceitualização se baseia no clima de brincadeira em que a conversa transcorre e no fato de o quarto do alojamento onde deu a interação apresentar dimensões incompatíveis com a localização de

ANÁLISE DO DISCURSO

um objeto a uma distância tal, que demandasse o emprego de *lá*. Atribuí a esse dêitico um caráter intensificador. Assim, a construção *olha lá* não estaria envolvendo apenas a sinalização da coxa da colega de G., mas uma avaliação por parte do falante. O uso da construção com *lá* em vez de com *ali* pode estar ligado ao caráter intensificador: o falante projeta no espaço conceitual uma distância maior para destacar a ênfase sobre o objeto sinalizado.

Portanto, em termos da intenção comunicativa presente na construção conjunta do significado, *olha aqui* e *olha lá* podem expressar uma atitude de confronto, ironia, descontração, ou seja, posturas em que não há uma preocupação explicitamente marcada a preservação da face dos participantes. Enunciados como *Olha lá o que você está fazendo!*, *Olha aqui, você está cometendo um erro!* ou *Olha aqui, não foi isso que eu disse...* são possíveis nas interações. Já no caso de *olha só* sinalizador de argumento contrário, talvez em razão de uma fala que visa ao convencimento do outro, em que se quer afirmar uma posição a ser adotada pelo outro, se observe um cuidado maior com a polidez.

Em outras palavras, a intenção do falante, ao sinalizar um objeto com *olha lá* no excerto (6), é conceptualizá-lo de modo a produzir um sentido de descontração por meio do exagero da dimensão deste, por isso sua contraparte encontra-se projetada no espaço-FOCO aberto, a fim de enfatizar o objeto (alvo) para o qual busca a atenção dos interlocutores. No caso de *olha só*, a intenção é focalizar em primeiro plano o objeto (alvo) o argumento que está sendo encaminhado com polidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, assim como ocorre com os tipos de *olha só* estudados, a diferença entre as construções *olhar+aqui*, *ali*, *lá* encontra-se na dimensão pragmática, já que o significado de *prestar atenção* permanece em todas as construções. Nas próximas etapas da pesquisa, buscarei meios de melhor descrever tais distinções pragmáticas envolvidas no uso dessas construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BERNARDO, Sandra. *Olha só, olha lá* na dêixis conversacional. In: *Cadernos do CNLF*, vol. IX, nº 11: Análise do Discurso. Rio de Janeiro: CíFEFiL, 2005, p. 174-180.

———. A construção *olha só*: uma abordagem sociocognitiva. In: *Cadernos do CNLF*, vol. X, nº 13, Rio de Janeiro, 2006, p. 36-44, 2006.

———. *Olha só*: uma construção de movimento causado presumido. *Linguística*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 2, p. 255-270, 2006 [2007].

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar vol. I: theoretical prerequisites*. Stanford/California: Stanford University Press, 1987.

———. *Foundations of cognitive grammar vol II: Descriptive application*. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

MARMARIDOU, Sophia S. A. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

RONCARATI, Cláudia (org.). *Banco de dados interacionais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ/CNPq, 1996.